

Encontro no quarto escuro

Nadja caminha entre as aléias do cemitério e sabe que engravidou. Foi na casa do Ministro, numa festa em que havia um quarto fechado onde aconteceu Nadja brincar com um Fulano que apareceu tão sedutor que ela disse para si mesma ele me tenta cada vez que olha com esses olhos de loucura, ele tem uma insanidade tão estética que me faz pensar que bom seria se esse momento se eternizasse e eu não tivesse mais o dia de amanhã assim precisado de concatenar fusos de amor e desamor e fosse eu tão-só este agora com este homem lindo de coxas rijas e este olhar de mel e pimenta e lábios que sabem beijar como me beijam neste momento em que eu me entrego como um animal sem falhas a contabilizar, um discurso fluido do corpo que começa a se declarar pois os botões já estão se abrindo sozinhos, somos uma só carne diz a Bíblia mas eu não quero pensar em Bíblia logo agora que eu começo a adivinhar um gozo fatal.

—Somos mortais—ele anuncia.

—No entanto virgens ainda—eu respondo úmida.

E no quarto trancado nós dois na mais completa escuridão, não queríamos acender suspeitas porque ele me contou então que era o filho do Ministro, então eu me lembrei de tê-lo visto numa foto na coluna do Zózimo, ele estava acompanhado de uma loura muito nórdica que tinha um nome complicado com muito T e P, sei lá eu disse pra ele, não sei de nada, quero apenas descansar no teu peito (que por sinal tinha uns pêlos ruivos), porque agora a ardência já acabou, fizemos rápido mas nos saciou, que história louca eu balbuciei e ele perguntou hein e disse que estava com muito sono mas que não poderia dormir, a mulher dele estava na festa, devia já estar procurando por ele, ou quem sabe eu disse, quem sabe ela ainda nem notou a tua ausência, ele respondeu ela me adora. Mas não se levantou, continuou ali, deitado por um largo tempo onde conversamos coisas que me davam uma espécie de cócegas.

Ele estava ali, nu, com as espáduas erguidas como uma boa personagem de Scott Fitzgerald. Ele estava ali sim, dizendo que era o filho do Ministro e que queria que eu soubesse da sua vida. Lembrei-me abruptamente de que eu tinha sido presa em 1970 e que eu estivera por um fio da morte. Apalpei a minha cicatriz e senti que eu desejava o homem. Ele tinha uma elegância no ar. Me dizia que também ele desejava que este momento não morresse e que nós permanecêssemos ali como condenados. Eu me senti ferida. E falei que eu não queria o êxtase da condenação. Falei do Sarte do *Huis clos*. Ele falou que tinha estudado em Columbia e que tinha conhecido Marcuse numa festa. Marcuse comentava a “Consciência infeliz”. Na festa também estava Bogdanovich com a namorada. Só que ele não tinha conseguido falar com o Bogdanovich. Tentou se aproximar mas acabou se aproximando mesmo foi da namorada. Bogdanovich olhava o relógio insistentemente.

Este homem aqui que eu desejo não sabe que eu sofro. Sei que choro por dentro. Erma. E digo para ele que eu o desejo. Passo a mão pela vagina e

sinto arder. Os meus cabelos pubianos se eriçam mas só eu vejo. Há uma lua detrás da janela. Eu quero, grita uma voz aqui dentro. Eu quero—eu suplico. Ele ouve a minha voz e já está vestido. Vamos—ele diz.

Mas eu digo não, não vamos não, vamos ficar aqui mais um pouco, quero que você ouça a minha história, a minha história não tem Marcuse nem Bogdanovich, mas tem um homem que me deu sete punhaladas no coração, e este homem não existe mais, este homem é meu. Quer ver? Meu nome é Matilde, Matilde Osório. Nasci cedo, quando no interior do Rio Grande toda criança pastava. Desde cedo compreendi que ser mulher é um problema ontológico. Como ser homem também é. Entende? Entende que não há alienação possível do nosso corpo? Entende amor? E quando eu disse amor eu vi na pouca luz que vinha da lua que ele se sentiu tonto e precisou de apoio com a cabeça no meu colo. Eu não tive receio de passar as mãos sobre os seus cabelos negros e lisos e que bem pareciam azulados pela luz da lua. Você me entende amor?—eu supliquei. Acho que ele disse meu monstro. Meu monstrinho, eu soluzei. Seu corpo cheirava a esperma novo. Pouco conseguíamos ver de nós. A luz apagada e pelo silêncio parecia não haver festa na casa do Ministro, cheguei a pensar que tinham morrido. Todos. E peguei a mão dele e toquei-a na minha cicatriz. Ele estremeceu e disse por quê? Eu sabia se eu falasse da minha prisão ele ia me odiar. E no entanto confessei. Bogdanovich olhava insistentemente o relógio. Mas a namorada dele parecia muito desperta e queria comentários. Eu então comentei que achava o namorado dela um pouco duro, de poucos amigos. Ela respondeu que nada, é só hoje. Isso passa, eu arrematei. Bogdanovich não gosta de frituras nem de uísque. Dizem que cheira pó. Está azedo hoje, o Bogdanovich! Marcuse já é bem mais disposto, senta e conversa sobre a “Consciência infeliz”, passa as mãos pelos cabelos cinzas e sempre tem motivos para uma conversa nova. Ele boceja mas não aparenta o mínimo cansaço. Diz que gosta de reuniões sociais. Admite que se prepara a tarde inteira, escova a roupa, o sapato, dá banho no cão. Não, não, o cão não o acompanha nas festas. Ele apenas se dispõe a lavá-lo. O cão chafurda na bacia d’água, morde as mãos de Marcuse, dizem os mais sensíveis que chega a rir. Eu nunca vi cão nenhum rir. Como pode um cão rir sem a mínima flexibilidade com a boca? Como pode, eu retruquei, como pode, como pode, como pode. Eu vi os seus dentes claros de espanto. Você se espanta porque eu te quero? Ele nada respondeu, fechou os lábios. Eu passei as unhas pelos seus lábios. E cantei baixinho uma canção de ninar. Ele disse que se lembrava. Quando eu ia perguntar de quê que ele se lembrava eu notei que ele estava novamente nu. Como eu.

Jão Gilberto Noll
O Cego e a Dançarina